

DESEJO e DECISÃO

COMO A EVOLUÇÃO DA MENTE
INFLUENCIA NAS NOSSAS ESCOLHAS



JOSÉ CARLOS JUNÇA DE MORAIS
JURANDIR SELL MACEDO JR.
RÉGINE KOLINSKY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



José Junça de Moraes
Jurandir Sell Macedo Jr.
Régine Kolinsky

DESEJO E DECISÃO

Como a evolução da mente influencia nossas escolhas

1ª Edição

Instituto de Educação Financeira
Florianópolis, 2014

Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Folha de Rosto](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Conclusão](#)

[Glossário](#)

[Notas](#)

O DESEJO, MOTOR DAS NOSSAS AÇÕES**Tópicos e organização do presente livro**

O que nos faz agir e decidir agir? Os nossos desejos. Agimos para que eles sejam realizados. Agimos também, em muitas circunstâncias, para satisfazer regras, morais ou convencionais. Podemos querer fazer mal a alguém que detestamos, mas acabamos por nos abster porque é mais forte o desejo de preservar a nossa boa consciência ou a nossa imagem social. Podemos querer desobedecer a uma ordem policial e, afinal, obtemperamos, porque são mais prementes o medo de sermos perseguidos e o desejo de auto-preservação. Assim, tomando o conceito de desejo num sentido lato e admitindo que nos confrontamos, tantas vezes, com conflitos de vontades, pode dizer-se que os desejos são os motores das nossas ações.

Potencialmente, existem desejos em número infinito, já que inúmeros podem ser os seus objetos. Os desejos obrigam-nos constantemente a enfrentar escolhas e, portanto, decisões. Ora, as decisões não caem do céu, não são transmitidas ao Homem – como pretendia a mitologia grega –, nem sequer alcançadas pela decifração de oráculos. Certas ou erradas, eficazes ou não, as decisões são atos mentais que ocorrem no cérebro e dependem da cognição, das emoções e dos afetos do indivíduo em contexto cultural e social e em função das características evolutivas e adaptativas das nossas capacidades e disposições biológicas.

É esta complexidade que faz com que a “mecânica” da decisão seja tão difícil de entender. A ciência psicológica tem começado a revelá-la, em múltiplos domínios: escolha de profissão, de parceiro sexual e romântico, de investimento financeiro, de programa de saúde ou de educação, de fazer a guerra ou a paz, e tantos outros. A pesquisa sobre a decisão é pertinente para todos: médicos, executivos, economistas, juristas, políticos, simples cidadãos. E os custos dos erros de decisão são enormes. Quantas vezes verificamos, tarde demais, que a decisão tomada foi péssima? Ou que, pelo menos, havia outra melhor?

Hoje, sabemos muito sobre as diferentes maneiras de tomar decisões e sobre as razões mais frequentes para os erros cometidos. Este conhecimento

permite-nos esboçar estratégias ou programas de formação, com vista à melhoria do processo de decisão e da sua adequação aos fins, para bem dos indivíduos, das famílias, das coletividades, das instituições e da sociedade.

No **primeiro capítulo** deste livro abordaremos sobretudo a decisão. Serão analisadas, com exemplos tirados da economia e das finanças, as noções de valor, de utilidade e de risco, fundamentais na teoria da decisão. Entre dois bens ou serviços, qual escolhemos? Qual é o que tem mais valor ou utilidade? Nos **seis capítulos seguintes**, debruçamo-nos sobre alguns dos desejos mais importantes e examinamos a forma como os indivíduos tomam decisões quando são confrontados com a sua possível realização. Tais desejos são vistos numa perspectiva evolucionista, mas também no que diz respeito às características culturais da sociedade atual, nomeadamente a ocidental. O sétimo capítulo aborda especificamente o desejo de intervenção no mercado financeiro e os processos de decisão neste contexto. A **conclusão** contém uma reflexão geral sobre o desejo máximo, a felicidade.

Anunciados os tópicos, convém esclarecer o leitor sobre o que não vai encontrar. Há quem espere da psicologia não só uma explicação para o funcionamento mental real, mas também uma fórmula para alcançar uma vida boa. Por outras palavras, que a psicologia seja explicativa e prescritiva. Esses leitores esperarão em vão. A ciência defronta-se com fenómenos e procura a sua compreensão, não devendo perseguir outros valores senão os da verdade e do conhecimento. Se o fizer, mesmo com boa intenção, atravessa uma fronteira perigosa, que pode levar a confundir a verdade e a utilidade, o conhecimento e a ideologia.

Por conseguinte, não compete à ciência psicológica, mesmo que estivesse ao seu alcance, indicar como se obtém a felicidade e o bem-estar. O leitor tem a liberdade, mas a responsabilidade é toda sua, de inferir conselhos.

Não dizemos às pessoas como devem ser felizes. Convidamo-las a refletir sobre o que a psicologia científica tem descoberto sobre a felicidade, o bem-estar e o mal-estar, sobre os desejos que estão por detrás das decisões, os fatores que as influenciam e os processos mentais que conduzem a elas.

Que esta síntese, inevitavelmente incompleta, do conhecimento atual sobre os percursos mentais entre desejo e decisão sirva para informar e permitir a reflexão dos leitores, no respeito total pela sua liberdade de pensamento!

A filosofia do desejo

O conceito de desejo está presente na filosofia desde os mais antigos

pensadores. **Epicuro** distinguiu dois tipos de desejos: os **naturais**, que compreendem a busca da felicidade e do agradável, e as necessidades vitais, como comer e dormir; e os **não naturais**, entre os quais de riqueza e glória, assim como os irrealizáveis (por exemplo, o de imortalidade). Em Epicuro, havia já uma ideia de hierarquia e de que os desejos devem ser apreciados no contexto da “arte de viver”, de um “cálculo” que permita atingir a felicidade.

Para **Aristóteles**, um desejo fundamental governa todos os outros. Cada ser vivo tende para algo: a planta para o sol, a criança para a mãe. *Orexis* (desejo) é a atração, o elã que nos faz avançar para aquilo que nos surge como um bem. Mas, a moral do desejo implica uma faculdade de escolha, de discernimento entre o apetite irracional e o desejo racional e razoável, que orienta a vida na direção do bem supremo, a virtude, a felicidade, a plenitude humana. O desejo racional é voluntário (*boulêsis*) e implica coragem (*thumos*).

A intervenção da razão sobre os desejos seria descartada nas correntes realistas e utilitaristas da filosofia britânica dos séculos XVIII a XX, com **David Hume** a proclamar que “a razão é e deve ser apenas escrava das paixões” e **Bertrand Russell** a defender que o papel da razão não é dizer-nos o que devemos perseguir, mas mostrar-nos como podemos alcançar aquilo que desejamos. Uma reflexão cientificamente orientada ajudar-nos-ia, segundo ele, a pensar melhor sobre o que queremos fazer das nossas vidas.

Esta questão não deve, no entanto, escamotear outra, mais fundamental, que é a da natureza do desejo. O filósofo que, provavelmente, propôs a caracterização mais profunda foi **Baruch Spinoza**. Segundo Spinoza, o desejo é inerente ao *conatus*, literalmente traduzível por “esforço”, mais precisamente esforço de tudo o que existe para perseverar no seu ser, se autoafirmar. O desejo é a essência do ser e traduz-se pela atividade destinada a manter ou a aumentar a sua potência. No ser humano, é um apetite consciente, que faz com que ele queira e considere bom aquilo que deseja. Não há, portanto, nada de desejável em si. O valor das coisas é construído na dinâmica do desejo.

Para Spinoza, os desejos **ativos** decorrem da natureza de cada um e os **passivos** da natureza de outro ser. Por isso, limitam-nos e orientam-nos para fins que não são os nossos.

Suponhamos que Marcos e Noémia ganharam o suficiente para poderem satisfazer um desejo, mas não dois. Enquanto Marcos sonha há muito instalar uma piscina no jardim, Noémia sabe que esta é talvez a última oportunidade de fazer uma grande viagem cultural. Um deles sacrificará o seu desejo ativo por um desejo que não é realmente o seu. Tal situação ilustra três ideias: a necessidade de distinguir entre o desejo enquanto essência do Homem e os múltiplos desejos que esmaltam o percurso da vida, incluindo aqueles que resultam da influência de padrões sociais; a inevitabilidade do sacrifício dos desejos que entram em conflito com outros eventualmente mais importantes (Marcos pode sacrificar a piscina ao seu desejo de manter a harmonia do casal); podemos apreciar um ser ou um objeto, mas não podemos forçar-nos a desejá-lo como correspondendo à nossa verdadeira natureza.

De acordo com Spinoza, somos livres se existimos e agimos em conformidade com a nossa natureza, mas servos se nos submetemos a outra necessidade. Assim, a liberdade passa pelo conhecimento da nossa necessidade, o que nos permite afirmá-la, harmo- nizando-a com a necessidade dos outros. A liberdade e a felicidade estão no desejar e não no esperar, porque a espera, como o sentimento de esperança, implica a renúncia ao esforço próprio e remete para o esforço dos outros. Por isso, para Spinoza, tal como para Aristóteles, coragem e vontade são componentes do desejo. Desejar é ter vontade de algo e ter coragem de agir, para converter a atração num elã e numa atividade real. É estar atento à realidade, é considerar (do latim *considerare*, literalmente contemplar a estrela; oposição positiva a *desiderare*, literalmente ausência de estrela), é amar!

Questionado sobre o amor, **Sócrates** respondeu, no *Banquete*, que o amor é desejo e o desejo é falta. Aristóteles, Spinoza e outros pensadores mais recentes, entre os quais **Sartre**, não veem no desejo a manifestação de uma falta, mas de um poder. No desejo sexual e romântico, o objeto do desejo – o outro – não falta, está presente, envolvido na nossa atenção e na nossa ação. Desejar é agir sem sentir falta, ter prazer até ao auge da emoção e da festa das sensações e, no mais elevado ponto da satisfação do desejo, soçobrar – paradoxalmente – numa certa perda de consciência. Quando a falta é realmente sentida, é o próprio desejo quem a produz, ao constituir o objeto como desejável. Com ou sem experiência subjetiva de uma ausência, o desejo é a libertação, em alguma direção, da força que temos de preservação de nós mesmos.

Nos desejos sexual e romântico, este esforço de autoafirmação dificilmente atinge a plenitude se não for correspondido, numa intensa

reciprocidade com o outro. Cada parceiro mantém desejos exclusivos noutros domínios da vida; porém, a relação engendra um complexo de necessidades partilhadas que é ressentido por ambos como se constituísse uma segunda natureza. Os desejos que endossam o interesse dos filhos (ver Capítulo II) são também vividos intensamente, por razões ligadas à sobrevivência da espécie. Os seres humanos viveram sempre em grupos sociais e a sua mente incorpora igualmente desejos sociais, destinados a manter a coesão do grupo, como a solidariedade, a preocupação com o bem-estar dos outros, a vontade de respeitar e fazer respeitar normas sociais, incluindo a justiça social. Assim, contrariamente à perspectiva de Spinoza, que privilegia o indivíduo em detrimento da comunidade, a essência de cada ser humano reside num esforço de auto-preservação em que o centro de referência não é só o indivíduo, mas também (ver Capítulo III) o grupo a que pertence e do qual dependem a sua vida e a sua sobrevivência.

O esforço de auto-preservação manifesta-se de igual forma na atração do conhecimento, que inclui o autoconhecimento. Assim, o progresso da ciência no conhecimento da vida (a biologia) e da mente (a psicologia cognitiva) tem permitido precisar de que modo o desejo se formou na evolução da espécie humana e como atua no Homem moderno.

A ciência do desejo

As decisões e as ações são produto de **desejos**, mas também de **crenças**. Desejos e crenças são os principais estados mentais de que dispomos para nos relacionarmos com os objetos. Enquanto os desejos são satisfeitos ou frustrados, as crenças são verdadeiras ou falsas. É, portanto, diferente a natureza da sanção que emana da realidade exterior relativamente a estes dois tipos de estados mentais. Mas, esta sanção exterior tem consequências semelhantes, uma vez que, em ambos os casos, suscita **emoções**, outro tipo de estado mental. A emoção é um sinal fisiológico, variável em qualidade (a alegria e a tristeza são diferentes *qualia*), duração e intensidade, acessível à consciência. As reações emocionais ajudam-nos a identificar e a atualizar as modificações que têm lugar nos nossos desejos e crenças.

Nós decidimos e agimos num mundo que se nos impõe aos sentidos e que, ao longo da evolução, foi-nos moldando as capacidades cognitivas, os desejos e as reações emocionais.

Sendo partes da mesma história, a cognição e a motivação não podem ser incoerentes. A motivação é fundamentalmente seletiva: desejo e quero alguma coisa. E a cognição não é menos seletiva: a percepção consciente é o resultado, pelo menos em parte, da focalização da atenção. Tornou-se famosa a cena filmada em que uma mulher vestida de gorila passa no meio de um grupo de jogadores de basquetebol, volta-se para a câmara, bate com o punho no peito

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

